

---

## APRESENTAÇÃO

### Um convite aos outros

Caio Paz, Carla Rodrigues e Fabiano Victor Campos (organizadores)

“em qualquer lugar  
a sobrevivência está presa  
à alteridade  
e à morte  
nós  
somos matáveis  
enquanto deveríamos ser  
apenas  
amáveis”

Nos versos finais do poema “amáveis”, Danielle Magalhães enuncia o vínculo entre a sobrevivência, a morte e a alteridade. É precisamente a partir dessa vinculação que ela faz retornar a constatação segundo a qual dentro da palavra matável está contida a palavra amável. Se seguíssemos a máxima aristotélica, presente em *De Anima*, segundo a qual ser para aqueles que vivem é o viver, nos resta perguntar: como esse ser que somos, que é viver, converte-se em uma condição matável? Ainda com a poeta, é possível constatar que nessa conexão entre o amor e a morte uns podem ser mortos mais rapidamente que outros. Pensando com Judith Butler, poderíamos dizer que isso acontece porque há uma alocação desigual da precariedade, a partir da qual algumas vidas se tornam mais precárias porque são menos inteligíveis como vidas vivíveis. De maneira aproximada, em *Homo modernus: para uma ideia global de raça*, Denise Ferreira da Silva interroga como o pensamento moderno – por meio de um relato pretensamente universal de autodeterminação – levou à produção de “Outros da Europa”, cuja morte e o assassinato sistemáticos não levaram e continuam a não levar a nenhuma crise ética. Orbitam em torno dessas questões um acontecimento de grandes dimensões, que, nas palavras de Achille Mbembe, não é outro senão o fato de a Europa estar “deixando de ser” o centro de gravidade do mundo.

Um dos efeitos desse acontecimento para a filosofia é o questionamento do seu estatuto de “milagre grego”. A virada pós-colonial que tem contaminado diversos âmbitos do saber nos

## APRESENTAÇÃO

CAIO PAZ

CARLA RODRIGUES

FABIANO VICTOR CAMPOS

leva a encarar essa concepção hegemônica de filosofia como um “presente de grego”. Em *Racismo brasileiro: uma história de formação do país*, Ynaê Lopes dos Santos explica que essa expressão está referida ao cavalo de Troia, cuja presença não trouxe surpresas prazerosas. Na introdução do seu livro, a historiadora pensa o racismo brasileiro como um “presente de grego”, já que a discriminação racial é um dos efeitos da colonização que caracterizou a história do pensamento ocidental. Com isso, o exercício de pensar, ao ser identificado à filosofia, foi tido como um acontecimento único que floresceu do gênio grego. Essa narrativa milagrosa garantiu ao velho continente seu lugar de origem, saber, verdade e conhecimento, fazendo com que as questões filosóficas tratassem o problema do reconhecimento e do pertencimento como uma relação do mesmo com o mesmo. Olhar este milagre como o que ele é, ou seja, como um presente de grego, exhibe não só o ocaso da Europa, bem como a emergência radical da alteridade tanto no âmbito político quanto no filosófico, produzindo a necessidade de a filosofia se abrir a uma ética da alteridade.

O sintagma “Filosofias da alteridade”, que dá título a este dossiê, nomeia um esforço ético-filosófico de crítica da tradição, capaz de lançar luz sobre os seus aspectos problemáticos, que, até então, não cessaram de produzir a articulação da alteridade com a mera sobrevivência e a morte. Tanto em *Assombração racial: fantasmagoria e devir-negro do mundo a partir de Achille Mbembe* de Roy Sollow Borges, quanto em *A necrocidadania à luz da alteridade: uma conversa post mortem com Paul Ricoeur* de Isabella Lauermann, os autores articulam a alteridade e a morte. Enquanto o primeiro, a partir do filósofo camaronês, trata do alterocídio que está em jogo na produção do negro como Outro, o segundo procura pensar o estatuto do corpo morto a partir do paradigma da alteridade. Esse paradigma está anunciado no artigo *Paul Ricoeur e a hermenêutica – uma introdução*, no qual Mário Correia faz uma apresentação da hermenêutica ricoeuriana, mostrando como ela está inserida num projeto de hermenêutica de si. Esse procedimento reflexivo, contudo, não se situa nem no cogito cartesiano (o sujeito exaltado), nem do cogito nietzschiano (o sujeito humilhado). A partir de Ricoeur, Correia aponta para uma narrativa de si que é reflexiva e relacional, avizinando-se do diverso de si. Nessa alteridade, Frederico Soares e Carlos Roberto Drawin enxergam uma dimensão ética, que é precisamente o ponto central do texto *A relação entre hermenêutica e ética na filosofia de Paul Ricoeur*. Para os autores, Ricoeur estabelece uma inseparabilidade de hermenêutica e ética, já que o modo de agir do ser humano estaria associado à descrição advinda da hermenêutica filosófica, que não é outra coisa senão alteridade.

Essa associação da ética com a alteridade também está no pensamento de Emanuel Lévinas. Em *A subjetividade como outro no mesmo segundo Levinas: a obrigação de ocupar-se de outrem antes de persistir no próprio ser*, Fabiano Victor Campos e Luiz Fernando Pires Dias mostram não só

## APRESENTAÇÃO

CAIO PAZ

CARLA RODRIGUES

FABIANO VICTOR CAMPOS

como o filósofo lituano critica o primado do Eu na tradição filosófica, mas também como ele aponta uma subjetividade pensada a partir da hospitalidade. De maneira parecida, ainda que distinta, Jeferson Djalma Coimbra e Robione Antonio Landim pensam a deposição desse lugar soberano do Eu a partir do Outro, isto é, como relação intersubjetiva. Em *O eu e o outro: a relação intersubjetiva em Emmanuel Lévinas*, ambos os autores convidam os leitores a compreender a dimensão ética que encara o Rosto do Outro como um regulador da vida e não como algo a ser superado ou colocado em uma posição de subalternidade. Diferente dos dois textos anteriores, que foram produzidos em coautoria, *Entre rastros: prelúdio para dois pensamentos da alteridade*, de Luciane Martins Ribeiro, traz para o próprio texto a interlocução entre Lévinas e Derrida, mostrando como ambos os autores se colocam a serviço de uma alteridade radical, seja na linguagem ou na relação ética.

Permanecendo com o filósofo franco-magrebino, em *“Pensar começa talvez aí”: Derrida e a questão animal*, Guilherme Cadaval apresenta a crítica derridiana ao logocentrismo para aproximar a maneira como Derrida tratou a questão animal e a escritura. Cadaval observa que os dois se assemelham, porque, para a filosofia, eles representam uma ameaça de um fora, que exhibe o fundamento místico e infundado sobre o qual o discurso logocêntrico se funda. Embora não cite Derrida, o texto *O rio está chamando para a fronteira da história: em busca da alteridade* de Luciano Fiscina corrobora a crítica derridiana ao logocentrismo. No entanto, em vez de se dirigir à questão da diferença e da hierarquização do humano e do animal, o articulista defende a hipótese de que práticas de alteridade só podem emergir do redimensionamento da questão socioambiental. Nesse caso, está em jogo também uma crítica ao papel soberano que o discurso logocêntrico atribuiu ao humano no domínio e na colonização da natureza. A partir do diálogo entre Lévinas e Enrique Dussel, Fiscina reivindica um retorno ao projeto político sul-americano de libertação na esteira das proposições filosóficas de Dussel, que, por meio da tarefa crítica, pretende superar a separação entre natureza e cultura.

Essa separação entre natureza e cultura é o fundamento da afirmação da soberania do Eu sobre tudo aquilo que pode ser considerado Outro (especialmente a natureza). Em *Virada ritual e a ética da alteridade em Byung-Chul Han: a reinserção da arte da atenção, da escuta e do olhar na vida em comunidade*, Camila Braga Soares Pinto e Leandro Pinheiro Chevitarese mostram como, segundo o filósofo sul-coreano, a exacerbação da soberania do Eu tem levado a uma atomização da sociedade. Por sua vez, esta tem levado a um desaparecimento de rituais, sem os quais não é possível criar laços com os outros. Por isso, os autores do artigo propõem uma “virada ritual”. Com essa noção, eles se referem a uma recuperação do tempo do outro. Trata-se, portanto, de uma ética da alteridade na medida em que ela aponta para alternativas que buscam superar o

## APRESENTAÇÃO

CAIO PAZ

CARLA RODRIGUES

FABIANO VICTOR CAMPOS

individualismo e consumismo tão caros ao capitalismo tardio. Nesse sentido, o texto de Carlos Henrique Machado oferece chaves de inteligibilidades interessantes. Em *Para além dos mundos possíveis: a impossibilidade como a realidade do acontecimento*, Machado apresenta a maneira como Gilles Deleuze faz uma releitura de um problema formulado por Leibniz. Ainda que Machado se restrinja ao âmbito lógico-filosófico, a releitura deleuziana que ele apresenta aos leitores pode levá-los a formular a seguinte questão: quais são as consequências éticas de conceber a realidade do acontecimento a partir da impossibilidade? Um desdobramento possível dessa interrogação talvez seja a releitura que Giorgio Agamben faz de outra formulação de Leibniz segundo a qual “todo possível exige tornar-se real”. Invertendo essa afirmação, Agamben sustenta que não é o possível que exige existir, afirmando que é o real (o existente) que exige o possível. Tanto Agamben quanto Deleuze parecem estar em acordo sobre a importância das capacidades e possibilidade potenciais, que não se esgotam no vivido.

Interrogar sobre outras possibilidades éticas é precisamente o que faz Adriana Galvão Póvoa em *A filosofia do absurdo em Albert Camus e Clarice Lispector*, quando ela, por meio desse encontro inusitado, procura pensar a ruptura do eu com uma imagem una de si. Aqui, filosofia e literatura se tocam a partir do espanto, que aparece sob a forma da alteridade. O diálogo entre Lispector e Camus acontece por meio da análise dos seus respectivos livros *A paixão segundo G.H.* e *O mito de Sísifo*, nos quais há uma desconstrução das camadas das subjetividades, como se eles realizassem o famoso verso de Rimbaud: “*Je est un autre*” [eu é um outro]. Costura-se, assim, as relações possíveis entre filosofia e poesia, entre o eu e o outro, entre ética e alteridade, temas para os quais o dossiê convida à leitura. Por fim, a seção “Varia” deste volume apresenta o artigo *Jardim como metáfora: princípios da filosofia da educação* em que os seus autores Ângela Zamora Cilento e José Benedito de Almeida Júnior abordam os aspectos da inserção humana no mundo da cultura a partir da concepção do jardim enquanto algo metaforicamente aproximado da arte de educar para a liberdade e a criatividade.